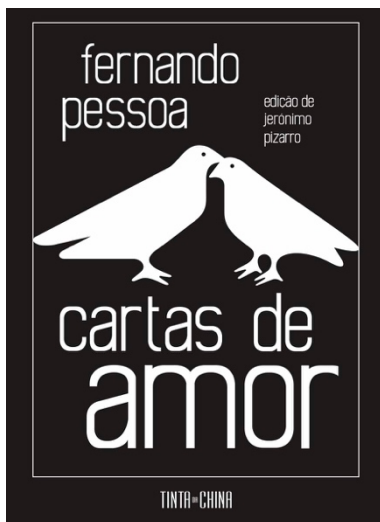


Cartas ou cartografia do amor

[Letters or cartography of love]

Ida Alves*

PESSOA, Fernando (2023). Edição de Jerónimo Pizarro. *Cartas de amor*. Lisboa: Tinta-da-china. 239 pp. [ISBN 978-989-671-797-1]



Não é a primeira vez que a correspondência amorosa de Fernando Pessoa veio a público, parcialmente ou na sua integralidade, para desvelar ao leitor uma outra face desse homem múltiplo. Desde 1978, quando a Editora Ática publicou *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*, com posfácio e notas de David Mourão-Ferreira, preâmbulo e estabelecimento de texto por Maria da Graça Queiroz, seus leitores e pesquisadores depararam-se com uma escrita completamente inesperada para um poeta cerebral e ensimesmado a que estavam habituados. Inesperada porque era uma conversa que revelava uma relação enamorada fora do mundo da ficção e curiosamente jovial, lúdica e mesmo de delicado erotismo entre uma

jovem de 19 anos e um homem de 30 anos, a viverem seu romance discretamente nas primeiras décadas do século XX, numa Lisboa tumultuada politicamente.

Mais edições vieram à tona trazendo o outro lado dessa conversa, a voz / a escrita da jovem Ofélia, 12 anos mais nova que Pessoa e, piscadela do destino, nascida um dia depois da data de aniversário do namorado. Uma dessas edições foi publicada em 2013, no Brasil, pela editora Capivara, no âmbito do “Ano de Portugal no Brasil” – *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz, Correspondência Amorosa Completa (1919-1935)* –, com organização de Richard Zenith e prefácio de Eduardo Lourenço. Um livro visualmente agradável¹, fonte bem legível, com a transcrição de todas as 289 cartas (155 inéditas) e bilhetes da jovem, das muito menos numerosas (50) do poeta e a reprodução fac-símile de “todos os manuscritos de Fernando Pessoa dirigidos a Ofélia Queiroz e conservados por ela até a sua morte” (346), numa caixa de bombons que ele lhe dera. Uma peça introdutória dava o tom da correspondência: o relato da própria Ofélia, dado a sua sobrinha-neta Maria da Graça Queiroz, em 1978². Nessa

* Universidade Federal Fluminense / Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura / Bolsista Produtividade em Pesquisa – CNPq.

¹ Contudo, para o leitor, o tamanho do volume (26,5 × 21,5cm) e o peso de suas 552 páginas mais capa dura não possibilitam uma leitura cômoda.

² Ofélia Queiroz (Ophelia Maria Queiroz Soares) faleceu em julho de 1991, aos 91 anos.

rememoração, é curioso conhecer o poeta (aos 30/31 anos) que a jovem amou: “O Fernando, em geral, era muito alegre, ria como uma criança e achava muita graça às coisas” (21). E numa carta da segunda fase do namoro, 17-12-1929, refutando o desdém que Pessoa diz ter sobre seu rosto, Ofélia escreve um extenso parágrafo descrevendo-o de forma apaixonada: “Os olhos são bonitos na sua cor e na sua expressão, nas suas expressões, porque têm muitas e todas muito interessantes, mas da que eu gosto mais é da de ternura que os seus olhos deixam transparecer [...] a boca também é bonita porque é bem feitinha, é pequenina, com uns lábios bonitos e é muito asseada, a pele é esplêndida, muito branquinha e fresca, não é nada enrugada” (PESSOA e QUEIROZ; 2013: 273). Nesse segundo momento da relação, a jovem apaixonada tem 29 anos e o homem amado, 41. Mas, desde o final de 1919 e princípio de 1920, quando começa essa correspondência, as cartas da jovem dão-nos a ver um rapaz (afinal, Pessoa só tinha 30 anos) carinhoso, divertido e talvez inquieto por essa paixão feminina perseverante que manifesta o desejo imenso e recorrente de se tornar a “Senhora Pessoa”, ingenuamente imaginando uma vida a dois de permanente felicidade.

Pois bem, mais uma vez, temos a oportunidade de retornar às *Cartas de Amor*, de Fernando Pessoa, com a nova edição de Jerónimo Pizarro e colaboração de Ana Guerreiro e Manuel P. Fernandes, na Coleção dedicada às obras de Pessoa, pela Editora Tinta-da-china, Lisboa, que o primeiro coordena. Publicada em 2023, essa nova recolha das cartas amorosas, “a partir dos originais [...] albergados em colecções particulares e na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP/E3)” (Pizarro, em PESSOA, 2023: 26), sem perder de vista todas as edições anteriores às quais o editor se refere na “Apresentação” (2023: 9-21), oferece ao leitor de agora um volume bem mais leve, materialmente falando, mas muito rigoroso na transcrição da grafia original, bem informativo nas notas e valorizado pelos fac-símiles de cartas dele e uma ou outra de Ofélia, além de reproduzir variados documentos oriundos do espólio pessoano, como poemas relacionados direta ou indiretamente a esse romance esmo-recido, alguns copiados pela letra bem legível da namorada. Há também algumas fotografias, uma ou outra inédita, como a “Fotografia de Ofélia no tempo do segundo namoro com Fernando Pessoa (1930-1931)” (23), das prendas que ele ofereceu a seu “Bebé pequenino, minha Nininha”, como descrito: “medalhão em prata e trabalho em esmalte com figuras de quatro gatinhos, que vinha numa caixa de cartão com letras azuis” (79); “pulseira de filigrana em prata decorada com rosáceas em esmalte azul e branco” (122); cestos pequenos de vime redondo com tampa; cachimbo dele que a jovem surruiu para que diminuísse o vício do fumo (123); um bonequinho, “feito em baquelite”, com traje de campino em feitiço preto³, que ele disse para colocar na cama junto dela. E há também a reprodução de uma fotografia de Pessoa, bebé, que, durante muito tempo, Ofélia pediu a Fernando e que finalmente um dia

³ Será por isso que Ofélia, em algumas de suas cartas, passará a chamar o namorado de “pretinho”?

lhe foi enviada (essa ou outra parecida), “na única carta que lhe escreveu em dezembro de 1929” (115). Há ainda os fac-símiles de cartas do poeta, uma seção de notas filológicas “sobre as variações de cada texto a partir dos originais de Fernando Pessoa” (206), para além das notas de rodapé com informações contextuais que ajudam a compreender passagens das cartas.

É verdade que as missivas de Fernando são menos extensas e mais comedidas, mas não deixa de alimentar o seu “Bebé pequenino”, sua “Nininha”, com muitos beijinhos, referências eróticas (como os “pombinhos”⁴, “corpinho de tentação”, “boca docinha”), marcando encontros nos trajetos que ela fazia do trabalho a casa, já que ele não desejava assumir o namoro formalmente frente a família de Ofélia. Os leitores dessas recolhas sabem que a história amorosa acaba tristemente duas vezes: na primeira fase, até novembro de 1920, ele envia a famosa carta de 29-11-1920, em que escreve que “O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais á obediência a Mestres que não permitem nem perdoam” (PESSOA, 2023: 90); na segunda fase, nove anos depois, reatada a relação a partir de setembro de 1929, quanto mais a esperança de se casar aumenta para Ofélia, mais distante responde o seu Fernando, enviando-lhe uma última carta a 11 de janeiro de 1930 e mantendo telefonemas que vão se espaçando até o silêncio total a partir de janeiro de 1933. Após, há somente dois telegramas, junho de 1934 e junho de 1935, em resposta aos parabéns de aniversário que ela ainda envia. E, como sabemos, Fernando Pessoa falecerá em novembro de 1935.

É de destacar ainda nos “Anexos” desta edição de 2023, com três seções, a correspondência de Pessoa com outra figura feminina “a partir do verão de 1935” (157): Madge Anderson. “Aquela mulher enigmática que o atraía [a Pessoa] nas vindas a Lisboa [1929-1935] e que logo partia sem uma explicação plausível. Uma louca, achava a família!” (Manuela Nogueira [apud BARRETO⁵, 2017: 603]). Embora não seja a primeira vez que se conta esse outro enlevo do poeta, nesta edição são reproduzidas duas imagens da jovem, “cedidas por Morag Young” (158). Tratava-se da irmã de “Eileen Anderson (1902-1987) [...] cunhada de Pessoa, casada com o seu meio-irmão João Maria Nogueira Rosa (ou John)”, conforme nota na página 160. São apenas duas cartas pessoais, escritas em inglês, e três de Madge, além de um postal. Ela envia ainda poematos. Há o tratamento afetuoso dos dois lados e um tom de camaradagem intelectual, com pitadas de ironia. Pessoa conta-lhe suas crises de angústia e ela responde sem pena (transcrevo a versão em português por José BARRETO (2022: 570-571) republicada neste livro (162):

⁴ Referência aos seios.

⁵ Para conhecer todo o contexto dessa segunda relação “amorosa” de Pessoa, ler o artigo desse autor, José BARRETO: “A última paixão de Pessoa” (2017), indicado na “Bibliografia Geral” da edição.

Meu querido Fernando,

A chegada da tua carta foi um grande prazer, mas a sua substância é um tanto angustiante. Sinto que posso compreender a tua atitude, mas ela deixa-me algo exasperada. Algo deveria ser feito contigo, mas não sei por quem, dada essa tua deplorável falta de força de vontade para o fazeres por ti próprio.

[...]

Não sei bem o que significa caridade cristã, mas eu tenho de ti uma opinião mais elevada do que a que tu tens de ti próprio...velho tonto dramático que és! E nem sequer tens a desculpa de falta de sentido de humor!

Saúdo-te com a maior ternura. A tua Amiga



A essa carta, responde Pessoa, com certa ironia, em 09/10/1935:

Muito obrigada pela tua carta simpaticamente agressiva do dia... – não, não é de dia nenhum, pois veio femininamente não datada. “Velho tonto dramático” é praticamente a melhor definição que se poderia dar de mim: parece mesmo coisa de irmã, excepto que a Teca teria omitido o “dramático” e o “velho”, ♦, por exemplo, ♦

Talvez a minha carta tenha sido até certo ponto estúpida. Em coisas práticas – e cartas, suponho, são coisas práticas – eu sou geralmente estúpido. Mas lamento realmente se isso te aborreceu.

(165)

Ora, a conversa escrita não continuará. Outra figura, a morte, afastará para sempre o poeta. Que relação poderia vir daí se Pessoa não tivesse partido em definitivo? A jovem londrina que, pelas fotos, parece encantadora e fisicamente descontraída, teria ocupado um outro nível nessa escala de amizade que as cartas anunciavam na língua estrangeira que o poeta tanto prezava, ou também seria preterida pela onipresença da literatura? Mais uma história interrompida na biografia pessoana.

Entretanto, voltemos à conversa mais longa e envolvente de Pessoa com Ofélia. Ao lermos de novo as cartas de amor dos dois, seguimos uma cartografia de encontros e desencontros. Os dois namorados indicam ruas ou espaços de Lisboa em que poderão se encontrar, em geral quando ela retorna do emprego para casa. É um romance urbano, e os dois calculam trajetos e horas para esses encontros, que, algumas vezes, falham. Nesse sentido, vem bem a calhar que a edição de Pizarro inicie com a reprodução fotográfica do “Plano estratégico” (“strategic”) desenhado por Pessoa para passear com Ofélia Queiroz. Estão calculados os percursos de eléctrico mais longos, para passarem mais tempo juntos. Figuras as paragens de “Poço Novo”, “Estrella”, “S. Bento” e “C[onde] Barão”. Será datável de março-abril de 1920” (s.p.). As cartas de Pessoa vão marcando esses trajetos, seja na primeira fase, seja na segunda: Baixa, Cais do Sodré, Gare do Rossio, Rua de Santa Marta, Rua Coelho da Rocha, Av. Almirante Reis, Príncipe Real, Martinho do Largo de Camões, Martinho da Arcada, Benfica, Estrela, Belém...

Constatar essa cartografia amorosa é pensar que as cartas (mapas) esboçam uma espécie de *livro do desassossego*⁶ epistolar, com suas deambulações citadinas, momentos de encontro e muito mais de desencontro, solidão e impotência. É pensar também uma outra espécie de trajetória: o retorno à infância, no seio da língua portuguesa, a língua mátria, com um jogo obsessivo de “inhos”, de miudezas lexicais, de ludismo verbal, que Ofélia rapidamente vai partilhar, assim como partilhou o jogo da heteronímia (ou do heteronimismo) pedindo ajuda a Álvaro de Campos para que Pessoa lhe escrevesse. Já a troca amiga e tão curta entre Pessoa e Madge Anderson, na língua estrangeira adotada, é um jogo da maturidade e do fim. Ou seja, da infância à maturidade e dos trajetos do desejo e do erótico lúdico para os descaminhos finais, da angústia, da solidão e da velhice num homem cujo rosto já não emite sinais de alegria e que vem a falecer com apenas 47 anos.

Esta edição de *Cartas de Amor*, com a preocupação de revisar os dados existentes, depurar criticamente as transcrições e trazer novas imagens ou informações, além de um sempre útil índice onomástico e bibliografia geral detalhada, permite ao leitor / pesquisador compor e recompor essas histórias amorosamente falhadas e integrá-las à obra pessoana, sem preconceito textual. Trata-se, sem dúvida, de mais uma possibilidade segura de observar atentamente esse modo de amar que Pessoa pôs em movimento em um tipo de texto (cartas, bilhetes) a demonstrar, ao mesmo tempo, cenas da intimidade e cenas da escrita, um atrativo laboratório de emoções.

⁶ E não é curioso que Ofélia tenha como último sobrenome Soares? Pizarro comenta na apresentação: “Os anos 1929 a 1931 são os mesmos da fase mais intensa do *Livro do Desassossego*, retomado em 1929” (18).

Bibliografia

- BARRETO, José (2017). “A última paixão de Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 596-641. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0QI7FI9>
- PESSOA, Fernando (1978). *Cartas de Amor*. Organização, posfácio e notas de David Morão-Ferreira; preâmbulo e estabelecimento do texto, de Maria da Graça Queiroz. Lisboa: Ática. 1.ª ed. [Primeira publicação do “Relato da Ex^{ma} Senhora Dona Ophélia Queiroz, destinatária destas Cartas de Fernando Pessoa, recolhido e estruturado por sua sobrinha-neta, Maria da Graça Queiroz”.]
- PESSOA, Fernando; QUEIROZ, Ofélia (2013). *Correspondência Amorosa Completa 1919-1935*. Organização de Richard Zenith. Rio de Janeiro: Capivara.

IDA ALVES é professora titular de literatura portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação Estudos de Literatura – UFF. Vice-coordenadora do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB), Real Gabinete Português de Leitura. Pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa/CNPq, Brasil, e Colaboradora do Instituto de Literatura Comparada da Universidade do Porto. Autora e coautora de coletâneas, capítulos e artigos em revistas acadêmicas sobre poesia portuguesa moderna e contemporânea, além de estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa.

IDA ALVES is a full professor of Portuguese literature at the Institute of Letters of the Federal Fluminense University (UFF) in Brazil. She teaches in the Postgraduate Program in Literary Studies at UFF and serves as vice-coordinator of the Luso-Brazilian Research Center (PPLB) at the Royal Portuguese Reading Room. She is a researcher for the National Research Council (CNPq) in Brazil and a collaborator at the Institute of Comparative Literature at the University of Porto. Alves is the author and co-author of collections, book chapters, and academic journal articles on modern and contemporary Portuguese poetry, as well as on landscape studies in Portuguese-language literatures.